



José Pedro de Sant'Anna Gomes, a loja Independência e o panoptismo

COMUNICAÇÃO ORAL

Nome do autor: Alexandre José de Abreu
Instituição: Unesp
e-mail: alexandreabreu20@hotmail.com

Resumo: No dia 3 de janeiro de 1874 inaugura-se em Campinas a loja maçônica Independência que iria congregar boa parte da elite cultural e econômica da cidade. A composição da música que serviria como hino para a instituição ficou a cargo de José Pedro de Sant'Anna Gomes (1834-1908), músico, maestro e destacado personagem no ambiente cultural da cidade no período, tendo, inclusive, uma rápida participação política (1872). O presente artigo pretende investigar a associação de Sant'Anna Gomes a maçonaria contraposta com suas várias iniciativas como político e abolicionista na cidade de Campinas, tendo por base o conceito *foucaultiano* de panoptismo.

Palavras-Chave: Campinas. Sant'Anna Gomes. Século XIX. Maçonaria.

José Pedro de Sant'Anna Gomes, the Independence store and panopticism.

Abstract: On January 3, 1874 is inaugurated in Campinas the Masonic lodge Independence that would bring together much of the cultural and economic elite of the city. The composition of the music that would serve as anthem for the institution was in charge of José Pedro de Sant'Anna Gomes (1834-1908), musician, conductor and featured character in the cultural environment of the city in the period, and with a political participation (1872). This article aims to investigate the association of Sant'Anna Gomes to masonry with its various initiatives such as political and abolitionist in Campinas, based on Foucault's concept of panopticism.

Keywords Campinas. Sant'Anna Gomes. Nineteenth century. Freemasonry.



A sociedade como construção

A segunda metade do século XIX foi para a cidade de Campinas um período de desenvolvimento e adaptação. A riqueza oriunda da cultura cafeeira iria desenvolver na cidade uma elite ávida por trocar seus costumes tradicionais por certo cosmopolitismo, mais adequado para os ares que a *belle époque* vigente inspirava. Lojas de “modas” e artigos importados surgiam por toda a cidade (tais como *Au Monde Elegant* e A Casa do Livro Azul), trazendo junto com seus produtos a urgência da adequação das pessoas às práticas e às novas formas de consumo.

Quanto à atividade musical, dezenas de bandas de música (entre elas bandas de comerciantes, escravos, operários, imigrantes e escolas), uma orquestra sinfônica completa e a presença constante de companhias líricas italianas iriam formar o quadro que seria completado, ainda, pela atividade musical nas escolas e clubes e a criação e reforma de espaços para prática musical, tais como: o teatro São Carlos, o clube Semanal e o passeio público entre outros.

Este rico panorama teve relação com a atuação de José Pedro de Sant’Anna Gomes. Sant’Anna Gomes exerceu variadas funções, foi violinista, maestro, compositor, professor editor e proprietário de uma loja de instrumentos musicais. E fora de suas atribuições musicais, foi vereador, juiz de paz, alferes secretário de batalhão¹ e presidente da junta militar (1881). Sua atuação percorreu uma longa gama de eventos, participando das iniciativas musicais da cidade, do culto dos feitos do irmão na Itália (Antônio Carlos Gomes) e, ainda, de iniciativas políticas fora de seu *métier* como a instalação de postes de iluminação a gás nas ruas da cidade e no fomento e realização de eventos de declarado cunho abolicionista, como os realizados nas reuniões da sociedade Atletas para o Futuro (NOGUEIRA, 2010).

Esta rica articulação política teria obrigatoriamente de envolvê-lo com a elite intelectual da cidade, administrando os embates e interesses para a realização de projetos e eventos. Junto com a atividade musical uma extensa reformulação urbana se operava na cidade, tendo em vista apagar a imagem de vila pacata por outra, dando-lhe ares de metrópole com *boulevards*, passeios, um teatro e clubes. Estes planos coincidiam com as perspectivas do maestro e seriam, muitas vezes, sua articulação com a elite campineira era estratégica e inevitável.

¹ Conforme indicado pela *Gazeta de Campinas*, Sant’Anna Gomes ocupou a posição militar de alferes secretário do batalhão de infantaria n. 8 da guarda nacional de Campinas (*Gazeta de Campinas*, 21/09/1872).



Figura 1: Sant'Anna Gomes.
Fonte: (Museu Carlos Gomes).

Em 1874, uma nota no *Correio Paulistano* dá conta da inauguração da loja maçônica Independência de Campinas, a nota conclama a população contra o ultramontanismo, que seria vencido pela maçonaria e ao mesmo tempo descreve detalhadamente o ritual de inauguração do templo, reforçando a missão de amor e caridade dos pedreiros livres. Sant'Anna Gomes seria encarregado da composição do Hino da loja e da regência do mesmo durante o evento.

A descrição é laudatória e grandiloquente como característico da época, fala do evento em grandes letras como tendo sido “uma festa esplendida e grandiosa em todos os sentidos, que há de deixar longa memória não só pelo primor das cerimônias em si mesmas, como pelo caráter imponente que revestiu todos os actos” a qual teriam comparecido cerca de quatrocentas pessoas, a elite da cidade (*Correio Paulistano*, 4/02/1874).



Em outra edição, 6 de junho do mesmo ano, o *Correio Paulistano* volta a falar da loja, fala da beleza da edificação, da abertura da sessão e da entrada das comissões, com um grau de detalhamento estranho para uma sociedade secreta. Por fim, comenta que o *Hino* de Sant’Anna Gomes fora executado novamente pela sra Garcia e o tenor Gener que foram “acompanhados em câoro por muitos dos seus collegas pertencentes à companhia lyrica hespanhola que se acha nesta cidade” e que a sessão fora encerrada e a comissão foi acompanhada da Matriz até a loja pela banda de Sant’Anna Gomes que “tocava lindas peças à entrada das famílias e dos convidados” (*Correio Paulistano*, 6/06/1877).

Na última nota, de 7 de junho, temos a comitiva que se organizara para acompanhar os veneráveis Campos Sales e Francisco Quirino dos Santos às suas respectivas casas. O tom sempre laudatório da descrição dá destaque ao evento aparentemente simples onde, muito embora, “levantaram-se muitos vivas significativos da cordialidade que reina entre o povo maçônico desta cidade”. A comitiva foi acompanhada pela “música do sr. Sant’Anna Gomes” o que sugere a presença do maestro e sua banda (*Correio Paulistano*, 7/06/1877).

O destaque dado pelo *Correio Paulistano* aos eventos parece dar conta da importância do mesmo para o meio cultural de Campinas e a participação de Sant’Anna Gomes nestes eventos, assim como a composição do *Hino* da sociedade, parece ser indicativo de seu esforço em fazer parte deste movimento.

As agitações e modificações pelas quais a cidade passava parecem ter uma interessante reverberação com o movimento que Michel Foucault (1926-1984) descreve de uma *sociedade disciplinar* para uma *sociedade de controle*: a reforma dos espaços públicos, a criação dos primeiros colégios e o planejamento urbano, do qual Sant’Anna Gomes tomou parte igualmente, são alguns pontos possíveis neste sentido.

Aquilo que Foucault descreve como o panóptico, modelo arquitetural para o exercício da disciplina nas sociedades contemporâneas², aparece aqui por todo espaço da cidade sob o pretexto civilizatório que iria finalmente redimi-la de seu passado colonial e atrasado.

² Foucault descreve pormenorizadamente a figura nas seguintes palavras: “O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se

Letra do Hino da Loja maçônica Independência de Campinas

letra: Francisco Quirino dos Santos
música: José Pedro de Sant'Anna Gomes

Salve! Oh templo, onde a morte abatida
Foge ao sol que à verdade conduz
Em teu seio abre amor, força e vida
E a esperança nos raios da luz!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra aos obreiros de Hirão!
De nossa alma os protestos são estes:
- Honra e fé, charidade e união!

Ai! Nos homens, só vinga o cansaço
Quando o erro à discórdia se uniu!
Onde a ideia nasceu, surge o braço!
A fé nasce, onde o affecto surgiu!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra aos obreiros de Hirão!
De nossa alma os protestos são estes:
- Honra e fé, charidade e união!

E entre nós o trabalho, a igualdade,
Áureos laços, tecendo ao prazer,
D'entre os povos, de idade em idade,
Aos umbraes do infinito vão ter!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra aos obreiros de Hirão!
De nossa alma os protestos são estes:
- Honra e fé, charidade e união!

Daí passagem, oh peitos mesquinhos,
À tarefa que temos em mãos!
Ella é grande e não temos arminhos!:
Pobre e rico entre nós são irmãos,

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra aos obreiros de Hirão!
De nossa alma os protestos são estes:
- Honra e fé, charidade e união!

Nosso riso aos pequenos consola!
Nós sabemos chorar junto à dor!
Mas o alento da prece ou da esmola,
Nós cercamos nos véus do pudor!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra aos obreiros de Hirão!
De nossa alma os protestos são estes:
- Honra e fé, charidade e união!

O céu lindo, nos discos ethereos,
Rasga espaços ao nosso poder!
Eia! Oh filhos dos grandes mysterios!
Oh! Coragem que havemos vencer!

Gloria a Deus nas alturas celestes!
Paz na terra aos obreiros de Hirão!
De nossa alma os protestos são estes:
- Honra e fé, charidade e união!

A reforma do espaço urbano junto com a inauguração de novos espaços, tais como o Rink campineiro e o passeio público, associam-se às novas práticas e costumes que se espalham pela cidade. O exercício de uma disciplina, à maneira de Foucault, que percorre a sociedade transversalmente ignorando, por vezes, barreiras sociais claras.

o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia” (FOUCAULT, 2008).



Neste sentido, a prática musical transfere-se, pouco a pouco, do espaço da Igreja, para o teatro³, apontando este movimento de quebra da vida colonial rumo ao cosmopolitismo que é comumente associada à carreira de Sant'Anna Gomes.

De fato, podemos identificar o espaço do teatro como índice para recepção da atividade musical na cidade. O estabelecimento de um repertório específico que seria reiterado nestes espaços de forma disciplinar. A disciplina para uma audiência panóptica e o consumo de arte e música como espelho da ordem e disciplina social que se implementava no contexto de sua urbanização. Esta imagem de organização da sociedade, de disposição de suas partes já era antevista por Foucault na importância dada pelos espaços.

A sociedade aparece aqui como uma construção, destacando a eficiência do modelo panóptico, onde seus segmentos são identificáveis e observáveis. A figura de um controle que o modelo permitiria com o máximo de proveito. E parece claro que uma sociedade composta por 'pedreiros' e 'arquitetos' não seria mais do que uma analogia para esta construção de uma sociedade imaginada.

O paralelo com a maçonaria parece de fato reforçar a alegoria do panóptico em diversas perspectivas. A reformulação e reurbanização da cidade, tendo a iluminação da mesma como um ponto de destaque, teria paralelo com uma imagem elaborada de organização social, onde retirar a cidade das trevas seria uma representação física com paralelos culturais variados. As "Luzes" chegariam à Campinas com certo atraso e talvez por isso com uma urgência maior.

Desta forma, a associação de Sant'Anna Gomes a maçonaria manifesta pela composição do *Hino* à loja de Campinas, não se trata de um evento furtivo, mas talvez estratégico. Sua contribuição para a construção desta sociedade imaginada passaria não só por suas atividades musicais, já em si um evidente elemento mobilizador, como por várias iniciativas relacionadas à reforma urbana e cultural. E, fundamentalmente, por certa crença para com um tipo específico de ordem social.

³ Assim como, para o Rink Campineiro, o passeio público e os salões literário-musicais.



Pedra sobre pedra

Sant'Anna Gomes foi o mais destacado músico em atividade na Campinas da segunda metade do século XIX. O sucesso recente de seu irmão recairia sobre ele na forma de representante legítimo de um gosto internacionalmente reconhecido, em um âmbito local. Contudo, sua atuação não se restringiu à suas funções, tornando-o não apenas músico como importante figura pública na cidade.

A composição do Hino à loja Independência pode ser vista como um dos índices possíveis para seu prestígio. Ou ainda, apresentar parte dos ideais aos quais estava relacionado e com os quais se identificava. Seu comprometimento com o movimento abolicionista, em meio a uma sociedade amplamente agrária, pode ter relação com a confiança depositada nas reformas possíveis. Ao passo que revelam, igualmente, seu comprometimento com certa imagem para organização da sociedade.

O paralelo com o panóptico *foucaultiano* toca em um ponto sensível: a sociedade como construção. A crença de uma sociedade que se tomava por obreiros parece apontar precisamente para a figura do panóptico e sua construção física. Como diria Foucault, aponta a necessidade de separar, isolar e controlar. Organizar a sociedade em elemento observáveis e dispô-los sob hierarquias tais que a própria estrutura do todo se encarregue do controle.

A adesão de Sant'Anna Gomes à sociedade levanta questões importantes. Qual seria a contribuição da atividade musical para esta ordenação social? Teria ela uma função específica? Seria ela apenas um elemento mobilizador, garantindo o apelo efetivo de imagens construídas?

Por outro lado, a trajetória do maestro impossibilita análises reducionistas, sua contribuição musical só é entrevista em meio às inúmeras iniciativas extra musicais que perpetrou. De modo que é difícil tomar sua adesão de modo furtivo e não acreditar em uma identificação mais profunda.



Referências

“XXX”. *José Pedro de Sant’Anna Gomes e a atividade das bandas de música na Campinas do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Música), Instituto de Artes, Unicamp, Campinas (2010).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. O nascimento da prisão*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2008.

JUNIOR, Geraldo Sesso. *Retalhos da Velha Campinas*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Ltda (1970).

MONTEIRO, Maurício Mário. *A Construção do Gosto. Música e Sociedade na Corte do Rio de Janeiro, 1808-1821*. São Paulo: Ateliê Editorial (2008).

NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. *Música em Campinas nos últimos anos do Império*. Campinas: Editora da Unicamp, CMU, 2001.

NOTICIARIO GERAL. *Correio Paulistano*, 4/02/1874.

NOTICIARIO GERAL. *Correio Paulistano*, 6/06/1877.

NOTICIARIO GERAL. *Correio Paulistano*, 7/06/1877.